

# Todos no Morumbi

*Os 136 000 índios da Amazônia vivem o drama de escolher entre o isolamento total, o intercâmbio cultural e econômico e a aculturação completa*

O pequeno curumim yanomami que apenas começa a engatilhar em sua aldeia no norte de Roraima já é mais rico que 90% dos brasileiros. Os 136 000 índios brasileiros que vivem na Amazônia ocupam hoje 82 milhões de hectares de terra, o equivalente a 10% do território nacional. Juntos, eles caberiam no Estádio do Morumbi. Se essas terras fossem divididas segundo critérios do homem branco, cada índio amazônico teria direito a uma fazenda de 6 quilômetros quadrados. Se todos os brasileiros tivessem ao nascer a mesma porção de terra, o Brasil só poderia abrigar 1,4 milhão de pessoas — ou o país teria de ter um território igual a quatro vezes a soma da área total dos cinco continentes. Para os próprios yanomamis e para as demais nações indígenas, esses números pouco significam. Além de não viverem em fazendas, mas em tribos, suas terras, na verdade, só existem no papel. A delimitação das reservas é feita em gabinetes, levando em conta abstrações da geografia carapáida, e não o cotidiano dos índios.

“A Funai faz a delimitação em termos de paralelos e meridianos, mas os índios não entendem isso. Para eles, os limites são os acidentes geográficos, como os rios e as montanhas”, diz o geólogo Orestes Schneider dos Santos. Há áreas demarcadas que não têm um único índio e áreas fora das reservas que estão cheias de malocas. Mesmo onde as terras estão razoavelmente demarcadas, os limites estabelecidos pela lei não valem quase nada. Só no ano passado, por exemplo, os 10 000 índios de Roraima tiveram suas reservas invadidas por 20 000 garimpeiros. Seja nas repartições públicas onde são feitas as demarcações das áreas das reservas indígenas, seja nos confrontos diretos com garimpeiros, é sempre o índio quem leva a pior.

Assim tem sido desde que Cabral che-

gou ao país que batizou de Terra de Vera Cruz. Nela viviam 5 milhões de selvagens. Houve tempos duríssimos. “O governador Bento Maciel, das Províncias do Maranhão e do Grão-Pará, acabou com a vida ou levou à escravidão 500 000 índios tupinambá”, diz a antropóloga Adélia Oliveira, 50 anos, diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi. Os efeitos do contato entre europeus e índios foram semelhantes nos Estados Unidos e no Brasil. Na medida em que a coloniza-

Guarani e Iracema, que faziam sucesso no Rio de Janeiro, tamanha simpatia existiu. A par de sua redução numérica, os índios tiveram multiplicada sua importância enquanto símbolos. Para os próprios índios, eles não são símbolos de coisa alguma: querem apenas viver em paz com seus costumes, cocares, radinhos de pilha e videocassetes. Já para os brancos, os índios são símbolos de um modo de vida que lhes é impossível compartilhar. Quanto mais industrializada e cinza a sociedade, mais ela

preza o verde e os povos da floresta, maior o seu interesse pelos índios, pelos “diferentes”, pelos “exóticos”, como os que bailam ornamentados de palha da cabeça aos pés, caso dos carajás do Alto Araguaia.



Raoni, entre o papa e Sting: “Aidez-moi a guardá o mato”

GAMMA SIGLA

ção avançava pelo interior dos países, os índios morriam de doenças como coqueluche e sarampo, eram exterminados em escaramuças com pioneiros ou se miscigenavam. Dos cerca de 5 milhões de índios que havia nos Estados Unidos, há hoje pouco mais de 1,3 milhão, num estágio avançado de aculturação. No Brasil, o processo de caminhada dos brancos para o interior ainda não terminou, e a Amazônia é a região em que há mais índios.

Não há hoje genocídio indígena ocorrendo no país. A situação das tribos é difícil, se bem que nunca antes elas tenham tido uma simpatia tão disseminada entre a sociedade branca. Nem nos tempos do romantismo literário, quando José de Alencar idealizava os índios em romances como O

for o futuro do país, é dramático”, disse o antropólogo Darcy Ribeiro. “Cedo ou tarde, um missionário branco chegará na aldeia para destruir as crenças dos índios nos deuses da floresta e lançá-los na economia de mercado, sem lhes dar condições de dela participar”, completa Schneider dos Santos. “Esse foi o mal maior que se abateu sobre os indígenas — o resto decorreu apenas desse pecado original.”

Restando apenas onze anos para o fim do século, o índio brasileiro vive uma situação peculiar. O homem branco procura tra-

“DESTINO DRAMÁTICO” — Até essa simpatia é problemática, já que ela altera a maneira de ser indígena. Mesmo que um magnata americano comprasse uma tribo inteira para que sua esposa, antropóloga nas horas vagas, pudesse estudar os índios em sua pureza neolítica, nem assim os selvagens ficariam felizes. As comunidades indígenas, na sua organização interna, desconhecem o que seja progresso branco. “O destino dos índios brasileiros, seja qual

**O pequeno curumim no colo da índia kaiaipó: mais rico do que 90% dos brasileiros**

ALEXANDRE SASSAKI/GAMMA SIGLA





JOÃO RAMMID

tá-lo como um igual, mas ao mesmo tempo o considera uma figura exótica. Ele ainda é o “bom selvagem” de Jean-Jacques Rousseau, ainda que tenha uma existência concreta: o autor do *Discurso sobre a Desigualdade Social* jamais esteve numa tribo. Ninguém melhor que o cacique txucarramãe Raoni, com seu lábio enorme, para representar essa imagem. Acompanhado pelo roqueiro inglês Sting, ele esteve com o papa João Paulo II e com o presidente francês François Mitterrand. Raoni, que é cacique de uma tribo de 398 índios, foi recebido por ambos com honras de chefe de Estado. Nunca, no entanto, a roqueira Madonna cogitou em convidar o prefeito Antonio Carlos Rodrigues Dias, do PFL, para apresentá-lo ao papa. Dias é prefeito de Anhangüera, em Goiás, a cidade brasileira com menor número de habitantes: vivem 584 pessoas no município. Nem Paul McCartney quis levar Antonio Carlos Berenguer a Mitterrand. Berenguer é superintendente da Companhia de Urbanização de Salvador, que conta com 400 fun-

**Os “bons selvagens”, na frente da TV: em paz com seus cocares, rádios de pilha e videocassetes**

cionários. Amável na frente das câmaras de televisão, Raoni foi breve nas suas reivindicações para europeu ver: ostentando um cocar com as cores da França, ele disparou, num misto de francês com português: “Aidez-moi a guardá o mato”, afirmou.

**Aids** — Ao retornar ao Brasil, a dupla índio-roqueira foi recebida de maneira nada protocolar. Durante uma reunião com políticos brasileiros, o cantor foi acusado pelo

cacique e ex-deputado Mario Juruna de aproveitar-se da “pureza e inocência do índio” para fins promocionais. “Por que ele não se dedica a resolver o problema da Aids ou a defender os índios dos Estados Unidos?”, indagou Juruna, que foi deputado pelo PDT de Leonel Brizola, não conseguiu se reeleger e hoje é assessor da Funai. Sting não respondeu — talvez porque tenha nascido na Inglaterra, país cujos índios são os próprios britânicos. Sting tampouco disse alguma coisa ao saber que precisaria se submeter a todos os trâmites burocráticos para entrar no Parque Nacional do Xingu, o que não havia ocorrido nas outras duas oportunidades em que esteve na Amazônia. Amuado, o roqueiro voltou para paisagens mais civilizadas, ao norte da linha do Equador.

Três rotas distintas abrem-se no horizonte da sobrevivência indígena: o isolamento total do homem branco, o intercâmbio cultural e econômico ou a aculturação completa. O isolamento total é uma utopia — para a sociedade branca, o progresso é uma ordem, um destino, que fatalmente bate nas tribos. A aculturação completa represen-

ta o mesmo tempo o considera uma figura exótica. Ele ainda é o “bom selvagem” de Jean-Jacques Rousseau, ainda que tenha uma existência concreta: o autor do *Discurso sobre a Desigualdade Social* jamais esteve numa tribo. Ninguém melhor que o cacique txucarramãe Raoni, com seu lábio enorme, para representar essa imagem. Acompanhado pelo roqueiro inglês Sting, ele esteve com o papa João Paulo II e com o presidente francês François Mitterrand. Raoni, que é cacique de uma tribo de 398 índios, foi recebido por ambos com honras de chefe de Estado. Nunca, no entanto, a roqueira Madonna cogitou em convidar o prefeito Antonio Carlos Rodrigues Dias, do PFL, para apresentá-lo ao papa. Dias é prefeito de Anhangüera, em Goiás, a cidade brasileira com menor número de habitantes: vivem 584 pessoas no município. Nem Paul McCartney quis levar Antonio Carlos Berenguer a Mitterrand. Berenguer é superintendente da Companhia de Urbanização de Salvador, que conta com 400 fun-

## O latifúndio selvagem

■ **Em 1500, viviam na Amazônia 2 milhões de índios. Pouco menos da metade da população silvícola do país. Hoje, a região concentra 65% dos selvagens brasileiros. Eles são 136 000 indivíduos, que ocupam 82 milhões de hectares de terra.**

■ **Pelo critério fundiário do homem branco, cada índio já nasce dono de 6 quilômetros quadrados de terra. Se todos os brasileiros tivessem ao nascer a mesma porção de terra, o Brasil só teria como abrigar 1,4 milhão de pessoas — ou então sua área teria que ser equivalente a quatro vezes a soma do tamanho dos cinco continentes.**

taria a perda das diferenças. Aos índios aculturados restaria a chance de estabelecerem uma parceria justa com os brancos e conseguir que seus descendentes entrem na civilização sem perder a identidade cultural. “Os americanos dizimaram seus índios, mas no Brasil o índio virou prefeito e até governador”, diz Octávio Lacombe, presidente da Mineração Paranapanema, pioneiro do desbravamento da Amazônia. “Nos Estados Unidos, os índios vivem em guetos nas reservas, mas aqui se casam com as moças brancas, viram soldados do Exército, dentistas e padres.”

**PÉ DE GUERRA** — No caminho do intercâmbio, começa a se firmar entre as lideranças indígenas a idéia de que é possível negociar de igual para igual com os homens brancos. Os índios kaiapós, que têm 1 700 membros espalhados por 3,2 milhões de hectares de terras no sul do Pará, há anos aceitam que garimpeiros e madeireiros tentem a sorte em seus domínios, desde que paguem uma taxa de utilização da terra. “Perdemos algumas coisas, mas ganhamos outras, e, no geral, nossa vida melhorou”, afirma o guerreiro Kroy, 36 anos, da aldeia Gorotire, que há mais de um ano é responsável pela fiscalização da compra de ouro no garimpo de Maria Bonita, localizado dentro da reserva kaiapó. “Hoje, temos geladeira, televisão, roupas boas, mas como desvantagem estamos com os rios poluídos pelo mercúrio dos garimpos”, reconhece Kroy.

**Os carajás,  
do Alto Araguaia,  
bailam  
vestidos de  
palha da  
cabeça aos  
pés: “diferentes”**

Apesar do intercâmbio, os kaiapós ficaram em pé de guerra contra a Eletronorte, deblaterando contra a construção da Hidrelétrica de Kararaô, que teve até de mudar de nome. Quando a hidrelétrica ficar pronta, o kaiapó mais próximo estará a 600 quilômetros do canteiro de obras. Mesmo assim, os índios terão direito a indenizações. Outros bons negociantes são os índios gaviões, também do sul do Pará. Eles receberam 1,1 milhão de dólares de indenização da Companhia Vale do Rio Doce para permitir que a Ferrovia Carajás—Ponta da Madeira atravessasse suas reservas. “O dinheiro está na poupança e só podemos retirar os juros”, diz Kokrenun, o cacique dos índios gaviões, que mensalmente recebe em nome da tribo quase 5 000 cruzados novos de rendimentos. Kokrenun mora na melhor casa da aldeia — que é de alvenaria —, mas sempre leva boa parte da tribo em sua camionete F 1000



ANTONIO RIBEIRO



quando vai à cidade de Marabá para as compras. “O branco é danado para roubar, e é por isso que a comunidade tem que estudar para saber como se mede madeira para vender”, diz Krua, o guerreiro gavião encarregado das finanças da tribo.

**ALTA-TENSÃO** — A Igreja Católica não vê com bons olhos os acertos financeiros entre índios e brancos. “Despejar milhões e milhões de cruzados nas aldeias é dar o golpe mortal na sociedade tribal”, diz dom Erwin Krautler, bispo do Xingu, presidente do Conselho Indigenista Missionário, o Cimi. “Cria-se uma forte dependência do dinheiro, da cultura e dos artigos de consumo dos brancos.” Se dependesse do Cimi e da Funai, os índios jamais abandonariam as sociedades tribais e só poderiam ter contato com padres ou funcionários da fundação. Mais benefício trariam aos índios, talvez, se os ajudassem a negociar seus direitos. Por absoluta falta de orientação, os próprios índios gaviões dilapidaram uma outra indenização que receberam em 1980. A Eletronorte pagou a eles 40 milhões de cruzeiros, na época o equivalente a 600 000

**O desfile indígena diante da tribo dos homens brancos: em busca do primitivo exótico**

dólares, para ter o direito de passar sobre a reserva as linhas de transmissão de alta-tensão da Hidrelétrica de Tucuruí. “Quatro anos depois, eles não tinham mais nem um tostão”,

diz José Ferreira Campos Junior, 35 anos, chefe de ajudância da Funai em Marabá.

Os índios dos Estados Unidos já são doutores em negócios. Eles constituíram uma sociedade civil, o Cert, Conselho de Recursos Energéticos da Tribo, para cuidar da defesa de seus direitos em pendengas econômicas. O Cert fechou com a multinacional Exxon um contrato de exploração de urânio nas terras dos navajos que prevê um bônus de 12% aos índios dos 6 milhões de dólares do metal que se espera arrancar do chão da reserva deles no Novo México. Sempre com dividendos para os índios, os americanos exploram cobre na reserva dos papagos e carvão na terra dos índios hopis. Recentemente os índios do Alasca contrataram em Washington empresas especializadas em negociar contratos milionários para estabelecer remuneração justa pelo petróleo extraído em suas reservas. “Os Estados Unidos tiveram o cacique Touro Sentado”, diz Elton Röhnelt, o aventureiro mais bem-sucedido da Amazônia. “Nós temos muitos caciques sentados sobre ouro.”

PAULO SANTOS